

que se verifica nesta produção musical; e as estratégias empregues pelos diferentes agentes envolvidos neste processo para se distanciarem do carácter estigmatizado da library music (Butler 2013, 171).

Palavras-chave: library music, audiovisual, categorizações, indústrias musicais, internet

Júlia Durand é membro do Núcleo de Estudos em Género e Música (NEGEM), Grupo de Estudos Avançados em Sociologia da Música (SociMus), e Grupo de Estudos Avançados em Música e Cibercultura (CysMus), do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Actualmente é bolseira no CESEM (Bolsa de Investigação SociMus). Concluiu a licenciatura em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, encontrando-se de momento a concluir o mestrado em Ciências Musicais – Musicologia Histórica. Frequentou o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, tendo lá completado o 8º grau de piano e o curso de composição. Os seus interesses focam-se sobretudo no uso da música em meios audiovisuais, centrando-se actualmente na produção de library music e a sua comercialização em plataformas online. Desde 2015, iniciou uma actividade de escrita de guiões para espectáculos musico-teatrais e música electrónica.

***10 Hours of a Fireplace Burning* – novos produtos e modelos de comunicação audiovisual no quotidiano doméstico**

João Francisco Porfírio -
CESEM, NOVA FCSH

A música pode ser usada como uma prótese que nos indica como pensar e agir em determinados situações e rotinas, sendo um meio de construção do quotidiano. Controlar o ambiente sonoro de um determinado espaço é, por isso, um ato de poder (DeNora 2004).

No controle do ambiente sonoro, recorre-se muitas vezes à difusão de música, no entanto, a paisagem sonora de uma casa é mais do que a música que os seus habitantes usam para preencher esse espaço, sendo importantes e preponderantes o papel de outros sons não musicais, como os emitidos por sinos, pelo trânsito, por aspiradores, liquidificadores, batedeiras elétricas ou smartphones e um sem fim de objetos que preenchem o quotidiano humano (Porfírio 2017). Estes sons conseguem muitas vezes assumir o papel de objeto evocativo (Turkle 2007), através da memória e da imaginação, transformando o ambiente doméstico num espaço multissensorial (Pink 2009).

Os sons das paisagens sonoras, de vários ambientes diferentes, começam a ser usados em novos objetos como as audiodotografias (Frohlich 2004) - que conjugam a imagem com o som de determinado momento, como meio de representação das memórias visuais e auditivas - ou as construções de paisagens sonoras de sítios como 'Oficina do Pai Natal', 'Taberna medieval' ou o som de uma lareira a arder durante 10 horas, que surgem no youtube, em canais como o Ambience Hub ou The Guild of Ambience.

Proponho assim analisar a forma como estes produtos e modelos de comunicação audiovisual são utilizados e colaboram na construção do quotidiano doméstico.

João Francisco Porfírio é atualmente Mestrando em Artes Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desenvolvendo a sua investigação em assuntos relacionados com a música ambiente e as paisagens sonoras do quotidiano doméstico. É colaborador do CESEM, no Grupo de Teoria Crítica e Comunicação, no SociMus (Grupo de Estudos Avançados em Sociologia da Música) e no Cysmus (Grupo de Estudos Avançados em Música e Cibercultura). Frequentou o Conservatório Regional de Setúbal onde completou o 5º grau de Clarinete. Em

2001 terminou a licenciatura em Educação Musical na Escola Superior de Educação de Setúbal. Desde essa data tem desenvolvido a sua atividade profissional enquanto professor de Educação Musical do Ensino Básico.

Music is Coming: a música como veículo de poder em personagens femininas na série televisiva *Game of Thrones*

Joana Freitas

CESEM, NOVA FCSH

A série televisiva *Game of Thrones* (2011-) – considerada o maior sucesso da HBO desde a série *Os Sopranos* (Hughes 2014) – é reconhecida pela densidade e complexidade narrativas assim como a multiplicidade de personagens. A sua transposição para o formato televisivo tem tornado cada vez mais visível a distanciação entre o arco narrativo dos livros e da série, colocando várias personagens femininas com um papel cada vez mais relevante no meio audiovisual. Esta atribuição gradual de poder é também reforçada pelo acompanhamento musical destinado à narrativa de cada uma destas personagens, constituído pelo seu próprio material temático, instrumentação e timbres. O presente artigo examina a música associada às mulheres Cersei Lannister, Daenerys Targaeryen, Sansa e Arya Stark e como esta pode ser considerada um veículo de empoderamento à medida que estas prosseguem na narrativa televisiva e alcançam posições de poder anacrónicas com a dominação masculina associada ao contexto histórico-medieval do universo de Westeros.

Joana Freitas é mestranda em Musicologia Histórica na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e bolsista de investigação no Centro de Estudos em Sociologia e Estética Musical (CESEM). É actualmente membro do Grupo de Teoria Crítica e Comunicação (GTCC) e linhas de investigação associadas (SociMus, CysMus e NEGEM) e as suas principais áreas de interesse são a ludomusicologia e o estudo da música em videojogos, audiovisuais e média, e estudos de música e género.